



UNIFEOB

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS**

ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PROJETO INTEGRADO

FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA

UNILEVER BRASIL LTDA

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

SETEMBRO, 2020

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS
ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE
CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PROJETO INTEGRADO
FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA
UNILEVER BRASIL LTDA

MÓDULO DE CONTROLADORIA

CONTABILIDADE GERENCIAL – PROF. LUIZ F. PANCINE

FINANÇAS CORP. E CONTROLADORIA – PROF. LUIZ F. PANCINE

ESTUDANTES:

Josiane Fernanda de Mira RA 18000768

Leandro Pereira Muniz RA 18000927

Luana Cristina Bernardo RA 18001315

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

SETEMBRO, 2020

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. DESCRIÇÃO DA EMPRESA	5
3. PROJETO INTEGRADO	6
3.1 CONTABILIDADE GERENCIAL	6
3.1.1 BALANCED SCORECARD (BSC)	6
3.2 FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA	10
3.2.1 DFC X DVA	10
3.2.2 DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - ESTUDO DE CASO	14
4. CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

Finanças corporativas ou societárias é uma área de finanças que pressupõem a tomada de decisão estratégica em relação aos negócios e ações financeiras da empresa.

Para isso, se apoiam em estudos, ferramentas e análises que baseiam suas decisões em relação ao que fazer para manter a organização financeira e, ainda assim, sair da zona de conforto para alcançar metas financeiras previamente desenhadas.

As finanças corporativas do negócio irão discutir, ponderar, negociar e decidir questões como:

- se fluxo de caixa da empresa está em ordem;
- no que investir no momento;
- como faremos para honrar nossos compromissos em curto prazo;
- se as finanças a longo prazo estão organizadas;
- se é possível investir em um novo projeto agora;
- como aumentar os ganhos do negócio;
- quais estratégias utilizaremos...

O principal objetivo é angariar lucro, fazendo o negócio expandir a ponto de continuar aumentando a margem de ganhos a cada dia. Aumentando o valor patrimonial da empresa.

Além disso, um dos objetivos base de qualquer finança corporativa qualificada é manter o fluxo de caixa da empresa no azul, a partir de uma gestão financeira efetiva que controla receitas, despesas e considera riscos.

Mas é importante considerar que as finanças corporativas se baseiam em dados e não decidem, aleatoriamente, qual caminho financeiro a empresa deve tomar.

Por isso, essa área embasa suas ações em indicadores:

- faturamento;
- custos fixos e variáveis;
- ticket médio;
- retorno sobre o investimento - ROI;
- demonstração do Resultado do Exercício - DRE;
- grau de endividamento.

Ter uma equipe preparada para gerir e controlar o financeiro do empreendimento pode alavancar os resultados do negócio ou, ao menos, fazer com que não apresente números negativos e perca fôlego no mercado.

A controladoria consiste em um corpo de doutrinas e conhecimentos relativos à gestão econômica e pode ser visualizada como uma área do conhecimento humano com fundamentos, conceitos, princípios e métodos vindos de outras ciências ou como um órgão administrativo com missão, função e princípios norteados.

"A missão da controladoria é zelar pela continuidade da empresa, assegurando a otimização do resultado global". (CAGGIANO, 2004, p. 26).

O órgão administrativo tem por finalidade garantir informações adequadas ao processo decisório, colaborando com os gestores na busca da eficácia gerencial. O controlador é o chefe da contabilidade, aquele que supervisiona e mantém os arquivos financeiros formais da empresa, embora suas funções não tenham que se restringir apenas às contábeis. Além disso, ele aumenta sua atuação e utiliza da contabilidade em aplicações gerenciais.

A controladoria não pode ser vista como um método que ensina como fazer, mas sim, como ramo do conhecimento responsável por estabelecer toda base conceitual e como um órgão administrativo que responde pela propagação de conhecimento, modelo e implantação de Sistemas de Informações e Modelo de Gestão Econômica que possam sanar as necessidades de informações dos gestores. Afim de contribuir com os mesmos durante o processo de gestão auxiliando a tomada de decisões corretas e eficientes.

"A controladoria é uma área coordenadora das informações sobre gestão econômica, no entanto, ela não substitui a responsabilidade dos gestores por seus resultados obtidos, mas busca induzi-los à otimização do resultado econômico". (CATELLI, 2001, p. 346).

Cada gestor é responsável por seus resultados e a controladoria é responsável pela coordenação, organização e fiscalização de sua área econômica.

2. DESCRIÇÃO DA EMPRESA

A empresa tem por razão social Unilever Brasil Ltda, inscrita sob o CNPJ: 61.068.276/0001-04 e Inscrição estadual: 110.052.937.117 situada a Avenida das Nações Unidas, 14261, bairro Vila Gertrudes, cidade São Paulo – SP, CEP 04.794-000.

Sua atividade principal é o comércio atacadista de produtos de higiene pessoal, o Brasil é o segundo maior mercado da empresa.

Atualmente com um capital social no valor de R\$106.894.987,00 (cento e seis milhões, oitocentos e noventa e quatro mil e novecentos e oitenta e sete reais). (atualizado em 16/09/2020)

Nossas marcas desempenham um papel importante para nos ajudar a atingir os nossos objetivos de vida sustentável ajudando mais de um bilhão de pessoas a melhorar sua saúde e bem-estar; reduzindo pela metade o impacto ambiental dos nossos produtos e fornecimento de 100% das nossas matérias-primas agrícolas de forma sustentável. São elas: Ala, Arisco, Axe, Brilhante, Cif, Clear, Close up, Comfort, Dove, Fofo, Hellmann's, Kibon, Knorr, Lifebuoy, Lipton, Lux, Maisena, Mãe Terra, Omo, Rexona, Seda, Simples, Suave, Sun, Surf, Tresemmé, Unilever Food Solutions, Vasenol e Vim.

Suas principais concorrentes são: as multinacionais Procter & Gamble (famosa P&G) e Reckitt Benckiser (RB Indústria) e Nestlé.

3. PROJETO INTEGRADO

3.1 CONTABILIDADE GERENCIAL

3.1.1 *BALANCED SCORECARD (BSC)*

De acordo com Kaplan e Norton (1997), o Balanced Scorecard (BSC) é “um conjunto de indicadores que proporciona aos gestores uma visão rápida, embora abrangente, de toda a empresa”. Tendo sua formulação, com uma visão orientada para a estratégia, faz dele um importante instrumento de gestão, capaz de traduzir a visão e a estratégia da organização em um conjunto compreensível de medidas de desempenho, propiciando a formação de uma estrutura de mensuração estratégica e de um sistema de gestão eficiente

O Balanced Scorecard (BSC), foi criado com a premissa de que a exclusiva dependência de um sistema de medida financeira é insuficiente, tendo em vista que são os indicadores de performance que informam resultados de ações passadas (KAPLAN; NORTON, 2000).

Um das maiores limitações das medidas financeiras é a lentidão dos indicadores, isto é, o resultado de ações gerenciais e desempenho organizacional e não o efeito (CAMPUS, 1998).

Para CAMPOS (1998), os indicadores mostram as consequências de decisões já tomadas, fazendo pouco para prever o desempenho futuro, uma vez que não fornecem muita orientação de que e como deve ser feito.

O diferencial do BSC é que os indicadores de desempenho financeiro, os quais mostram os resultados das ações do passado, são complementados com os indicadores operacionais relacionados à satisfação dos clientes, aos processos internos e à capacidade da organização de aprender e melhorar – atividades que impulsionam o desempenho financeiro futuro da organização (KAPLAN; NORTON, 2000).

De acordo com Kaplan e Norton (1997), o BSC não se limita a um conjunto aleatório de medidas de desempenho financeiro e não-financeiro, pois derivam de um processo hierárquico orientado pela missão e pela estratégia de uma unidade de negócios, e que este deve traduzi-las em medidas tangíveis.

Segundo Campos (1998), o BSC representa mais que um sistema de medição de desempenho, uma vez que é um conjunto de medidas cuidadosamente selecionadas proveniente da estratégia organizacional, representando um instrumento para os

tomadores de decisão utilizarem a fim de avaliar se os objetivos estratégicos foram atingidos.

KAPLAN e NORTON (1997) classificam as proposições do BSC em quatro perspectivas que permitem um balanço entre os objetivos de curto e longo prazo que são:

a) perspectiva financeira: considera os aspectos relevantes para medir a repercussão econômica de ações passadas e indicar a conformidade da estratégia com sua implementação e execução. Nesta perspectiva, a indagação é a seguinte: “para termos sucesso financeiro, como devemos ser vistos por nossos acionistas?”;

b) perspectiva do cliente: implica na identificação dos segmentos de clientes e mercados nos quais a unidade de negócios competirá e as medidas do desempenho da unidade nesses segmentos-alvo. Nesta perspectiva, deve-se analisar o seguinte questionamento: “para atingir nossa visão, como devemos ser vistos por nossos clientes?”;

c) perspectiva dos processos internos de negócio: consiste nos processos de negócios internos críticos ao sucesso das organizações. Nesta abordagem, a questão é: “para satisfazer nossos acionistas e clientes, em quais processos de negócios devemos nos sobressair?”;

d) perspectiva do aprendizado e crescimento: identifica a infraestrutura que a organização deve construir para criar melhorias e crescimento no longo prazo. Neste caso, a questão é: “para atingir nossa visão como preservarmos nossa capacidade de mudar e melhorar?”.

De acordo com Kaplan e Norton (2000), o uso de medidas como linguagem ajuda traduzir o complexo e nebuloso conceito do BSC de forma precisa, alinhando e mobilizando todas as ações individuais a fim de atingir os objetivos da organização, obtendo-se assim um sistema balanceado de medição estratégica que responde às necessidades dos modernos processos de gestão na era do conhecimento.

Segundo Miranda e Silva (2002), há mais de uma década, o BSC introduziu sistemas de medidas de desempenho para quantificar ativos tangíveis e intangíveis, oferecer uma estrutura para descrever estratégias a fim de criar valor para ambos.

Os processos de avaliação de desempenho, consistem em um conjunto de indicadores e relatórios que a organização utiliza para avaliar seu desempenho perante os demais, os quais são apresentados na sequência (MIRANDA; SILVA, 2002).

3.1.2 EBITDA

O EBITDA representa o quanto a empresa gera de recursos apenas em sua atividade, sem levar em consideração os efeitos financeiros e de impostos, sendo assim, um importante indicador para avaliar a qualidade operacional da empresa sendo essencial para a tomada de decisão gerencial (MARTELANC, PASIN, PEREIRA; 2010).

Souza et al. (2008) relatam que o EBITDA representa um indicador de geração de caixa operacional, pois desconsidera as despesas e receitas operacionais que não afetam o caixa, considerando somente os resultados de natureza operacional que influenciam as disponibilidades.

O surgimento do EBITDA está atrelado a auxiliar tempestivamente o potencial de geração de caixa gerado pela operação da empresa que permite comparar empresas globalmente, independentemente de sua estrutura de ativos e passivos e regras fiscais existentes (MARÇAL; 2006).

A essência do EBITDA não está correlacionada com a precisão numérica, mas sim em consonância com a tempestividade e comparabilidade da informação. Ele enfatiza que o mercado valoriza ainda mais a variação percentual do EBITDA do que seu valor numérico, pois essa variação serve de referência para os investidores avaliarem se a empresa conseguiu ser mais eficiente ou aumentar sua produtividade (SOUZA, et al; 2008).

Para Marçal (2006), o EBITDA tem sido utilizado popularmente por analistas de mercado que o consideram como uma proxy do fluxo de caixa e como métrica de avaliação semelhante ao lucro. Entretanto, os autores afirmam que se trata de uma prática questionável, uma vez que não considera os fluxos de saída de caixa necessários para cobrir itens de capital de giro ou gastos de capital.

Desde que os analistas de balanços passaram a desprezar eventos puramente contábeis, para se concentrar naqueles que influenciam efetivamente o caixa, o EBITDA tornou-se muito mais relevante do que o lucro líquido.” Além disso, a relevância deste indicador está atrelada ao fato de que analisar apenas o resultado final pode ser insuficiente para avaliação do real desempenho operacional de uma companhia. Entretanto, apesar da aproximação do EBITDA com o Fluxo de Caixa Operacional, alguns autores afirmam que ambos não se confundem e são instrumentos de análise distintos (SOUZA, et al; 2008).

De acordo com Martelanc, Pasin e Pereira (2010), o EBITDA não pode ser confundido com o Fluxo de Caixa Operacional, pois este considera o lucro, acrescido das

despesas que não impactam o caixa e adiciona as variações dos investimentos em ativos fixos e no capital de giro. Portanto, uma empresa pode apresentar, inclusive, um EBITDA positivo e um Fluxo de Caixa Operacional negativo.

Marçal (2006) corrobora que, nos anos 80 em meio à onda de fusões, aquisições e take overs, o EBIT foi adaptado para justificar operações de leverage-buyout, transformando-se no EBITDA, ganhando inadequadamente o status de indicador de geração de caixa. Utilizado estritamente para este fim, acabou sendo ignorado pelo mercado de ações e companhias abertas.

Após essa onda de utilização, o EBITDA caiu em desuso e as empresas americanas e europeias de capital aberto publicavam demonstrativos de fluxo de caixa, considerado como um subsídio importante para cálculo do Free Cash Flow ou Geração Operacional de Caixa. Fazendo um breve histórico de sua utilização, a pesquisa demonstra que, com o tempo, o EBITDA transformou-se em uma ferramenta de medição de fluxo de caixa nas empresas próximas da falência. Mais tarde, foi utilizado em empresas com ativos de longo prazo e, hoje, ele é utilizado por empresas de todos os setores (MARTELANC, PASIN, PEREIRA; 2010).

Marçal (2006), enfatiza que o EBITDA era utilizado como medida temporária, para analisar somente o período em que uma companhia levaria para prosperar no longo prazo investindo em infraestrutura. Ao expurgar itens que não eram diretamente resultantes das atividades básicas, os gestores pensaram ser possível realizar uma análise das principais operações das empresas.

Com o passar do tempo, o EBITDA voltou a ser utilizado como ferramenta de medida de geração de caixa, aplicada de início somente a empresas em situação pré-falimentar, e mais tarde, a empresas com ativos de longa vida útil, tais como: fornos siderúrgicos, torres de rádio transmissão, etc.. Uma das atribuições à qual o surgimento do EBITDA está interligado diz respeito ao fato de ser um bom indicador global, atuando em consonância com o interesse de investidores que analisam investimentos em diferentes países (MARTELANC, PASIN, PEREIRA; 2010).

3.2 FINANÇAS CORPORATIVAS E CONTROLADORIA

3.2.1 DFC X DVA

Atualmente, empresas pequenas ou de grande porte, necessitam da administração financeira, pois através desta são tomadas as decisões às quais vão levar a empresa aos objetivos de sustentabilidade financeira e competitividade no mercado em que atua. Essa administração sempre busca a otimização de recursos para maximizar o lucro ao dono do negócio ou ao acionista.

A administração financeira de uma empresa lida com a aplicação das estratégias estabelecidas para incrementar a receita da organização e definir orçamentos para as diferentes áreas da organização. Devido à sua importância, a administração financeira pode ser dividida em áreas de atuação, conforme podemos observar a seguir:

- Análise financeira: para que a empresa possa ter equilíbrio entre as suas despesas e receitas, visando reservas para a sua sustentabilidade financeira, é necessário que haja planejamento para avaliar a condição financeira da empresa. Essa análise ocorre por meio de relatórios financeiros cujas informações contábeis demonstrem os resultados.

- Finanças corporativas: é a área responsável por tomar decisões financeiras a respeito do negócio, utilizando ferramentas e índices para as análises financeiras. O objetivo é maximizar a valorização da empresa e evitar que ela adentre em riscos financeiros para garantir competitividade.

- Investimento: aplicação de capital em algum ativo tangível ou não cuja finalidade seja obter retorno futuro.

- Financiamentos: a administração financeira da empresa também poderá ser dedicada às decisões de financiamento de curto e de longo prazo e dependerá da necessidade de recursos.

Através da análise financeira a empresa prevê um lucro, para essas análises são necessários relatórios contábeis como o DFC (Demonstração do Fluxo de Caixa), o qual é um relatório de contabilidade que nos mostra as entradas e saídas de dinheiro do caixa da empresa e quais foram os resultados desse fluxo. A DFC indica no mínimo três fluxos ocorridos no período, fluxo das operações, fluxos dos financiamentos e fluxos dos investimentos, mas nada a impede de ter mais informações de fluxos citadas na norma. A DFC tem dois métodos diferentes para ser elaborada, se diferenciando apenas no grupo das atividades operacionais, esses métodos são o direto e o indireto.

No método direto, quando adotado, as atividades operacionais são consideradas as entradas e saídas brutas de recursos, usando os reais recebimentos de clientes, pagamentos aos fornecedores e pagamentos de despesas. Já no método indireto é utilizado o lucro líquido e considerada as variações das contas patrimoniais relacionadas na DRE (Demonstração do Resultado do Exercício).

Exemplificando melhor o método direto e indireto:

- Fluxo de caixa das atividades operacionais (estão presentes nele): venda de mercadorias e serviços, pagamentos de fornecedores, salários e encargos sociais dos empregados, dividendos recebidos, impostos e outras despesas legais e recebimento líquido das atividades operacionais;

- Fluxo de caixa das atividades de investimento: venda do imobilizado, aquisição de imobilizado, aquisição de outras empresas, caixa líquido das atividades de investimento;

- Fluxo de caixa das atividades de financiamentos: empréstimos líquidos tomados, pagamento de leasing (é uma operação de arrendamento mercantil, que consiste na locação do bem durante determinado período e o pagamento das prestações decorrentes da operação), emissão de ações, caixa líquido das atividades de financiamentos.

DFC Método Direto
a) Atividades operacionais
Lucro líquido
(+) Depreciação
(+/-) Duplicatas a receber
(+/-) Estoques
(+/-) Fornecedores
(+/-) Salários a pagar
(+/-) Impostos a recolher
a1) Caixa líquido das atividades operacionais
b) Atividades de investimentos
Venda de ações de coligadas
Recebimento de empresas coligadas
b1) Caixa líquido das atividades de investimentos
c) Atividades de financiamentos
Novos financiamentos
Aumento de capital em dinheiro
Dividendos
c1) Caixa líquido das atividades de financiamentos
Aumento/redução de caixa (a1 + b1 + c1)
Saldo inicial de caixa
Saldo final de caixa

Figura: DFC método direto

Como citado acima a diferença entre os métodos direto e indireto é o fluxo de caixa das atividades operacionais, no método indireto são: lucro líquido, depreciação e amortização, provisão para devedores duvidosos, aumento ou redução em fornecedores, aumento ou redução em contas a pagar, aumento ou redução em contas a receber, aumento ou redução em estoques, caixa líquido das atividades operacionais.

DFC – Método Indireto
Saldo inicial em 31/12/20X1
Entradas
Receita operacional recebida
Receitas financeiras
Recebimento de coligadas
Vendas investimentos
Novos financiamentos
Aumento de capital
Total de entradas
Saídas
Compras pagas
Despesas de vendas pagas
Despesas administrativas
Despesas financeiras
Imposto de renda
Dividendos pagos
Total de saídas
Saldo final em 31/12/20X1

Figura: DFC método indireto

A DFC tem por objetivo a demonstração das alterações ocorridas na conta disponível da organização e tem por finalidade de auxiliar o empresário sobre as entradas e saídas financeiras, visando a redução de gastos onerosos e desnecessários.

Outro método de análise estudado neste módulo é a DVA (Demonstração do Valor Adicionado), à qual é um demonstrativo contábil que tem por finalidade evidenciar a riqueza que foi gerada pela empresa em um determinado período de tempo e como foi a distribuição entre os diversos setores envolvidos no processo. A riqueza gerada é calculada a partir da diferença entre o valor de sua produção e o dos bens produzidos por terceiros utilizados no processo de produção da empresa, como exemplo: a empresa compra matéria-prima, contrata trabalhadores e pega financiamentos, quando o produto vai para o mercado ele valerá mais do que a soma dos fatores para sua produção, esse valor adicionado é a riqueza gerada.

ITEM	CONTA	VALORES MONETÁRIOS R\$
1	Receitas Vendas de mercadorias, produtos e serviços	
2	(-) Insumos adquiridos de terceiros Materiais Consumidos Outros custos de produtos Energia Serviços de terceiros - outros	
3	(=) Valor adicionado Bruto (1-2)	
4	Retenções Depreciações Amortizações Exaustões	
5	(=) Valor adicionado líquido (3 - 4)	
6	Valor adicionado recebido em transferência Resultado da equivalência patrimonial Receitas financeiras	
7	(=) Valor adicionado total a distribuir (5 - 6)	
8	Distribuição do valor adicionado Pessoal e encargos Impostos, taxas e contribuições Juros e aluguéis Juros sobre capital próprio dividendos Lucros repetidos e prejuízos do exercício	

Figura: DVA

3.2.2 DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - ESTUDO DE CASO

Nosso trabalho está sendo realizado através da pesquisa de uma grande empresa, a Unilever. Para a conclusão da atividade foi buscado a Demonstração do Fluxo de Caixa DFC em site de investimentos, no caso o utilizado foi o investing.com, a DFC adquirida nos mostra os resultados trimestrais a partir de 31 de dezembro de 2018. Analisando o fluxo de caixa operacional, de investimento e de financiamento notamos valores aproximados nos períodos. Ao final da tabela temos variações líquidas no caixa, nos mostrando o saldo de caixa inicial e final de cada período. Ao nosso ver, pelo porte desta empresa, ela segue um padrão de investimento anual, mantendo seus gastos minimizados através de condutas melhores de seus colaboradores com foco na qualidade de seus produtos, mantendo assim o padrão de alto nível de produtos para atender ao público. Como a empresa tem mais de um tipo de produto, pois trabalha em vários setores como

de: bebidas, alimentos, produtos de limpeza, etc, ela obtém uma certa mobilidade para suprir partes mais afetadas em determinado período, que pode ter sido afetada por alguma queda de venda, podendo assim manter equilibrado suas linhas de produção. Neste momento que estamos passando, de crise mundial pelo Covid-19, afetou muitas empresas ao redor do mundo, mas pela análise da demonstração de fluxo de caixa, a empresa está conseguindo manter suas vendas e seus compromissos na mesma medida do ano anterior, evitando assim um prejuízo muito grande pela perda de consumo de seus produtos e manutenção de instalações e pessoal empregado.

Encerramento do Exercício:	2020	2019	2019	2018
	30/jun.	31/dez	30/jun.	31/dez
Período:	6 Meses	12 Meses	6 Meses	12 Meses
Lucro Líquido do Exercício	3542	6026	3209	9788
Fluxo de Caixa das Atividades Operacionais	3528	8109	2392	7318
Depreciação /Exaustão	987	1982	965	2216
Amortização	-	-	-	-
Impostos Diferidos	-	-	-	-
Itens não monetários	1104	2640	1392	-1339
Recebimentos	-	-	-	-

Pagamentos em Espécie	-	-	-	-
Impostos Pagos	899	2532	1309	2294
Juros Pagos	336	694	369	571
Capital de Giro	-2105	-2539	-3174	-3347
Fluxo de Caixa das Atividades de Investimento	-581	-2237	-716	4644
Despesas de Capital	-422	-1316	-558	-1329
Outros Fluxos de Caixa das Atividades de Financiamento, total	-159	-921	-158	5973
Fluxo de Caixa das Atividades de Financiamento	-2088	-4667	-856	-12113
Itens de Financiamento	-570	-1158	-508	-1264
Total de Dividendos pagos	-2120	-4209	-2080	-4066
Emissão de Ações (Aposentadoria), líquido	-	-201	-205	-6277
Emissão de Dívida (Aposentadoria), líquido	602	901	1937	-506
Efeito do Câmbio	-253	-179	-121	72
Variações Líquidas no Caixa	606	1026	699	-79

Saldo Inicial em Caixa	-	3159	3212	3309
Saldo Final em Caixa	-	4185	3911	3230
Fluxo de Caixa Livre	-	6793	1834	5989
Crescimento do Fluxo de Caixa Livre	-	-	-	-
Rendimento do Fluxo de Caixa Livre	-	-	-	-

* Em Milhões de EUR (exceto dados por ação)

Através da DFC investidores, gestores, administradores e muitos outros, podem compreender o momento no qual a empresa está vivendo, mostrando assim a melhor decisão a ser tomada, seja ela como um novo investidor agregando capital ou como os gestores e administradores nas tomadas de decisões para a minimização de gastos e o aumento dos lucros para o crescimento da mesma.

4. CONCLUSÃO

Vimos que dentro de uma organização, é preciso planejamento a curto, médio e longo prazo e possuir um ótimo administrador financeiro. Muitas decisões estão atreladas umas às outras e sozinhas não alcançam seu objetivo.

Cada passo e cada decisão tem que ser pautada no passado, almejando o futuro para que a saúde financeira da empresa se mantenha sempre no verde.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, J. A. Cenário Balanceado: painel de indicadores para a gestão estratégica dos negócios. São Paulo, Editora Aquariana, 1998.

<http://www.sintegra.gov.br/> 27/09

<https://a2-finance.com/pt/issuers/unilever> 27/09

<https://administradores.com.br/artigos/o-papel-da-controladoria> 27/09

<https://br.financas.yahoo.com/quote/UL/cash-flow?p=UL> 27/09

<https://br.investing.com/equities/unilever-cash-flow> 27/09

<https://consultacnpj.com/cnpj/unilever-brasil-ltda--61068276000104> 27/09

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4277771/mod_resource/content/1/Livro_An%C3%A1lise%20dos%20Relat%C3%B3rios%20Financeiros.pdf 27/09

<https://exame.com/revista-exame/a-gigante-unilever-sob-ataque/#:~:text=Enquanto%20isso%2C%20seus%20principais%20concorrentes,creceu%2014%25%20no%20ano%20passado.> 27/09

<https://www.cobrefacil.com.br/blog/financas-corporativas> 27/09

<https://www.contabeis.com.br/artigos/2226/a-finalidade-e-importancia-da-dfc-no-cenarioempresarial/#:~:text=O%20objetivo%20da%20DFC%20%C3%A9%20demonstrar%20as%20altera%C3%A7%C3%B5es,visando%20%C3%A0%20redu%C3%A7%C3%A3o%20de%20gastos%20onerosos%20e%20desnecess%C3%A1rios.> 27/09

<https://www.dicionariofinanceiro.com/dfc/> 27/09

<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/demonstrativo-fluxo-de-caixa/> 27/09

<https://www.unilever.com.br/> 27/09

KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. A estratégia em ação: balanced scorecard - Rio de Janeiro, editora Campus, 1997.

MARÇAL, Rubens. EBITDA: qual o real valor dessa métrica? Revista Relações com Investidores, São Paulo, n. 96, p. 8-12, fev. 2006.

MARTELANC, Roy; PASIN, Rodrigo; PEREIRA, Fernando. Avaliação de empresas: um guia para fusões & aquisições e private equity. São Paulo: Pearson Prentice, 2010. 302 p.

MIRANDA. L. C; SILVA, J. D. G. da. Medição de desempenho. In SCHMIDT, P. Controladoria: agregando valor para a empresa.2002. Porto Alegre: Bookman.

Organização Orientada para a Estratégia: como as empresas que adotam o balanced scorecard prosperam no novo ambiente de negócios - Rio de Janeiro, editora Campus, 2000.

SOUZA, Marcos Antônio de; CRUZ, Ana Paula C. da; MACHADO, Débora G.; MENDES, Roselaine da Cruz. Evidenciação voluntária de informações contábeis por companhias abertas do sul brasileiro. Revista Universo Contábil, Blumenau, v. 4, n. 4, p. 39-56, out./dez. 2008.